



A CTAS DA VI
REUNIÃO
INTERNACIONAL
DE CAMONISTAS

Seabra Pereira
Manuel Ferro
Coordenação

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2012

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

MUSAS E TÁGIDES N' OS LUSÍADAS

Em relação aos modelos clássicos, todos sabem como Camões os tomou por norma na sua epopeia e como os ajustou aos objectivos que se propunha alcançar. O poema tem, pois, uma proposição, invocação e narração lançada *in medias res*. Tem ainda – e aí o seu modelo terá vindo das *Geórgicas* de Virgílio (I. 24-42), como já notou Faria e Sousa, e dos *Fastos* de Ovídio (I.3-26), como sugeriu Epifânio – uma longa dedicatória a D. Sebastião. Neste esquema, porém, inserem-se algumas diferenças significativas, nas quais nos propomos atentar.

Uma está na estrofe terceira, que serve de articulação entre a proposição e a invocação; outra, na própria invocação. É que o poeta não vai limitar-se a cantar uma série de feitos comparáveis aos dos grandes heróis antigos, mas muito superiores a eles. O facto, preludiado no “passaram ainda além da Taprobana”, limite oriental do mundo conhecido pelos Antigos – quer deva identificar-se neste passo com Ceilão, quer com Sumatra¹ – é reencarecido na estrofe 3 com a introdução da fórmula conhecida, desde Propércio², como *cedat*, combinada com *taceat*, e constituindo assim, conforme observou Kurt Reichenberger³, o motivo da *Ueberbietung* ou «esquema de superação», definido por Curtius⁴. O esquema em questão culmina nos dois últimos versos da referida oitava:

¹ “Taprobanam alterum orbem terrarum esse diu existimatum est” – chega a dizer Plínio VII. 81 (citado por Faria e Sousa e recordado por Epifânio). Sobre a identificação de Taprobana com Ceilão ou com Sumatra, em que o próprio Camões parece ter hesitado, veja-se o que escrevemos em «Sobre o texto da Ode ao Conde do Redondo» in *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa* (Lisboa, 1988) pp. 83-108, especialmente pp. 99-101. De qualquer modo, foi a chegada dos Portugueses a Ceilão que deixou em textos de humanistas italianos as marcas do grande assombro, como mostrou A. Costa Ramalho, *Estudos Camonianos* (Lisboa, 1980) pp. 13-15 e p. 24.

² “Cedite Romani scriptores, cedite Grai; nescio quid maius nascitur Iliade” (III. 32. 65-66). Este famoso dístico de Propércio referente à *Eneida* já foi citado por Faria e Sousa.

³ «Epische Grösse und manuelinischer Stil. Untersuchungen zum Proömium der Lusiaden», *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte* 2 (1961) p. 89.

⁴ *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter* (Bern, 1948) pp. 69-172. A tradução por “esquema de superação” é de M. Rosado Fernandes e figura na sua versão de Heinrich Lausberg, *Elementos de Retórica Literária* (Lisboa 1966) p. 108. O «esquema de superação» também surge nos grandes cientistas da época: Garcia de Orta, *Colóquio dos Simples e Drogas*, nº XX; Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, prólogo. Pedro Nunes, *Tratado em Defesa da Carta de Marear*, exaltava a descoberta de “novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos e, o que mais é, novos céus e novas estrelas”.